

## A Revolução "das minas": feminismos em rede

Fernanda Polidoro Paiva\*

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Tatagiba

### Resumo

o presente trabalho procura olhar para as mídias sociais para recuperar o campo discursivo que antecedeu as mobilizações feministas, em uma espécie de pré-história da Primavera das Mulheres, para desvelar as maneiras pelas foram gestadas essas novas formas de ativismo. Metodologicamente, foram utilizados os resultados da pesquisa anterior sobre os grupos feministas no Facebook, aliados a análise de conteúdo das publicações de três páginas de divulgação de conteúdo feminista na mesma rede social, no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2012 e por meio do software Atlas TI. A principal hipótese aqui trabalhada é a de que, a partir de 2011, com a ascensão do "feminismo comunicacional" (TOMAZETTI e BRIGNOL, 2015) foram renovadas as práticas e estratégias do movimento feminista, que passou a se apropriar das redes sociais como ferramenta para a mobilização.

**Palavras-chave:** movimentos sociais, feminismo, internet.

### Introdução

Localizado em um esforço coletivo de análise da influência das novas tecnologias de informação e comunicação nas formas de ativismo político e participação social no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Participação, Movimentos Sociais e Ação Coletiva (NEPAC), o presente trabalho procura olhar para as mídias sociais para recuperar o campo discursivo que antecedeu as mobilizações feministas, em uma espécie de pré-história da Primavera das Mulheres, para desvelar as maneiras pelas foram gestadas essas novas formas de ativismo.

Como objetivos específicos, busco 1) contribuir de forma empírica com as discussões acerca da relação entre mídias sociais e mobilização, a partir do ativismo feminista online; 2-) avançar na compreensão acerca da ascensão do "feminismo comunicacional" (TOMAZETTI e BRIGNOL, 2015) e seus desdobramentos no caso brasileiro.

A principal hipótese aqui trabalhada é a de que a ascensão do "feminismo comunicacional" (Ibid), a partir de 2011, renovou os padrões de mobilização e repertórios do movimento feminista brasileiro. Dentre as estratégias desse novo momento do movimento, destacam-se a apropriação das mídias sociais digitais a partir de duas chaves: a produção e publicação de conteúdos autônomos com tons abertamente feministas e a criação de uma rede de solidariedade entre mulheres na qual a noção de "cultura terapêutica" (FERREIRA, 2016) está bastante presente.

### Resultados e Discussão

Metodologicamente, foram utilizados os resultados da pesquisa anterior sobre os grupos feministas no Facebook, aliados a análise de conteúdo das publicações de três páginas de divulgação de conteúdo feminista na mesma rede social, no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2012 e por meio do software Atlas TI.

Por meio da pesquisa anterior, foi possível captar a importância dos espaços exclusivamente femininos nas redes sociais. Foram mapeados 270 comunidades online deste tipo e elas mostraram-se

fundamentais tanto para a construção de uma rede de sociabilidade pautada por interesses ideológicos comuns quanto para a formulação e difusão de um vocabulário comum do movimento, a partir de práticas como a publicação de um glossário ou um álbum de memes feministas.

A análise das páginas feministas nos mostrou que nos anos iniciais do feminismo comunicacional (2011-12), os conteúdos publicados por elas era pautado principalmente pela definição do feminismo enquanto busca pela igualdade de gênero e pela denúncia dos machismos cotidianos, mascarados por aspectos culturais. Além disso, as páginas dialogavam com outras lutas sociais, como o movimento negro e LGBT.

### Conclusões

Existe um fluxo contínuo entre a internet e os outros espaços de fazer política, de modo que "a circulação de informações, relatos e significados entre um e outro parece ser produtora de uma espécie de fazer política, ampliando o alcance de suas discussões para diferentes grupos on-line e off-line (SOUSA, 2017)". Sendo assim, as redes sociais parece imprescindível para a compreensão não só dos sentidos políticos das novas mídias, como também para a caracterização desse novo momento no movimento feminista (FERREIRA, 2016), bastante plural e marcado por fluxos horizontais (ALVAREZ, 2014).

### Agradecimentos

Agradeço ao CNPq e à minha orientadora.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. Cadernos Pagu (43), janeiro-junho de 2014, p. 13-56.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. O gênero do amor: cultura terapêutica e feminismos. Cadernos Pagu, Campinas, n. 47, p.1-44, 2016.

SOUSA, Fernanda. Narrativas sobre relacionamentos abusivos e mudança de sensibilidades do que é violência. In: VI SEMINÁRIO FESPSP, 6., 2017, São Paulo. Anais. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2017. p. 1 - 10.

TOMAZETTI, Tainan; BRIGNOL, Liliâne Dutra. A Marcha das Vadias e o fenômeno do feminismo comunicacional: usos sociais do Facebook na construção de políticas de identidade de gênero na sociedade em rede. Redes, n. 11, p.27-54, 2015.